

Correio Braziliense – 03/11/2007

INFRA-ESTRUTURA

O próximo apagão

Cortes no fornecimento de gás natural, sete anos depois de iniciado o incentivo ao seu consumo, mostra que risco de racionamento de energia existe mesmo e pode barrar o crescimento econômico

Luís Osvaldo Grossmann

Da equipe do Correio

Era uma vez um plano para aumentar a oferta de energia no Brasil com investimentos da iniciativa privada. Como hidrelétricas são caras e têm retorno mais lento, a aposta se deu em fontes alternativas, especialmente o gás natural. Então fechou-se um contrato de 20 anos com um país vizinho, a Bolívia, onde o recurso é abundante.

O contrato, do fim da década de 1990, previa o aumento gradativo da oferta, até chegar, em 2007, a 30 milhões de metros cúbicos diários — cinco vezes mais do que o consumo da época. Mas o governo brasileiro antecipou essa meta para 2003, mesmo antes de contar com as 40 usinas termelétricas que serviriam como base para o consumo do gás importado.

Essa base era importante, porque a compra do combustível estava garantida — o Brasil pagaria por ele mesmo que não o utilizasse. Por isso, em 2000, foi criado um programa para estimular a construção das térmicas. Mas como o preço do gás variava com o dólar e naquele tempo a moeda subia sem parar, os investidores titubearam.

Sem térmicas, nem novos investimentos em hidrelétricas, faltou luz. Aí foi um deus-nos-acuda, com a construção apressada de usinas a óleo. No final, porém, os brasileiros reduziram o consumo de energia e aquela idéia de encher o país de termelétricas a gás arrefeceu.

O gás, no entanto, já estava comprado. O que fazer? Incentivar os brasileiros a usar o combustível, nas fábricas, nas casas, nos carros, por toda a parte. Um novo programa, capitaneado pela Petrobras — dona do gás trazido da Bolívia — promoveu a “massificação do uso do gás” a partir de 2003, que teve como principal instrumento o congelamento dos preços. Até as térmicas apareceram.

“Com o preço baixo e congelado o mercado explodiu. Ao mesmo tempo, o governo demorou a reagir, ficou preocupado com a auto-suficiência em petróleo e deixou a produção de gás natural de lado. Só foi acordar quando a Bolívia fez o que fez (nacionalizou o produto em maio do ano passado)”, diz o diretor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura (CBIE), Adriano Pires. Nas contas do CBIE, hoje o país produz e traz da Bolívia diariamente cerca de 50 milhões de metros cúbicos de gás, mas a quantidade é insuficiente para atender a demanda e o déficit está próximo de 18 milhões de metros cúbicos/dia.

No limite

Analistas ouvidos pelo Correio acreditam que a estimativa da Petrobras de que poderá contar com mais 20 milhões de metros cúbicos diários do produto em abril de 2008 é muito otimista. O problema da falta de gás, ainda que previsível, já se transformou numa crise de abastecimento. A própria Petrobras reconhece que vem sentindo os efeitos da falta de gás há muito tempo, pois tem desviado o combustível que ela mesma utiliza para as distribuidoras. “Nós temos feito isso há várias semanas. Passou a ser rotina dessa empresa. Chegamos ao limite da nossa contingência para fazer o corte físico”, explicou a diretora de Gás e Energia da Petrobras, Maria das Graças Foster.

A falta de gás para fábricas do Rio de Janeiro, segundo maior pólo industrial do país, é ruim por si só. Em São Paulo, que concentra mais de um terço do parque fabril brasileiro, a substituição de gás por óleo combustível vem evitando a parada das máquinas. Ainda assim, os problemas atuais para fornecimento de gás natural são sinal eloqüente de uma crise ainda maior: o risco de um novo apagão elétrico.

Quando as térmicas a gás finalmente deslançaram, passaram a constituir parte da reserva de energia que o país necessita para funcionar. Mas dificuldades mais sérias começaram a ser sentidas no ano passado, quando o Operador Nacional do Sistema elétrico (ONS) mandou que as termelétricas fossem acionadas e nada aconteceu. A Petrobras tinha repassado o gás prometido a elas para outros consumidores.

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) obrigou então a estatal a elaborar um cronograma para retomar o fornecimento e um termo de compromisso foi assinado em maio deste ano. A preocupação da Aneel está no fato de que o país conta com a energia das termelétricas a gás no cálculo de oferta e demanda de eletricidade. Sem elas, a energia disponível cai em mais de 4 mil MW/h, quase 10% do consumo brasileiro.

Tarde demais

Os reservatórios das hidrelétricas estão em nível seguro, mas a estiagem prolongada e as poucas chuvas de outubro ajudaram a elevar os preços da energia no país, que ficou próxima dos R\$ 240 por MW/h — há um ano estava abaixo dos R\$ 80. Com esse preço, a eletricidade das térmicas a gás ficou suficientemente “barata” para que o ONS mandasse que elas fossem acionadas.

Ao fazer isso, expôs a falta de gás. “Temos uma coleção de variáveis. Hoje a mais relevante é o volume de água (nos reservatórios das hidrelétricas)”, admite a diretora da Petrobras. Em outras palavras, as dificuldades atuais só vão diminuir quando as chuvas chegarem, o preço da energia cair e as térmicas forem desligadas. Afinal, mesmo obrigada a mandar gás para as usinas, a estatal reconheceu que gerou menos do que o previsto.

Na mais recente avaliação do **Acende Brasil**, que congrega investidores do setor, divulgada há 10 dias, a preocupação se voltou para o futuro próximo, 2008 e 2009, no qual a possibilidade de decretar racionamento ficou em 9% e 8%, contra, respectivamente, 5% e 6,5% na edição anterior do Programa Energia Transparente. Para o governo, no entanto, não há risco e os números são alarmistas.